Apresentação

Kathrin Holzermayr Rosenfield

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Brasil

Falamos hoje muitas vezes da *mutação cartesiana*. Associamos com esse salto do conhecimento o sujeito racional que calcula e domina o seu mundo. Mas esse avanço trouxe também o indivíduo solitário, perdido em um espaço regido por instituições impessoais e mecanismos automatizados. Com isso, lamentamos o avesso do progresso e das benesses trazidos pelas conquistas lógico-matemáticas do Renascimento. Com os recursos inauditos da ciência, o homem conquistou não somente novos mundos e esperanças. Ele experiencia também o grande desamparo que é o avesso da euforia do domínio sobre o mundo. As imensas esperanças suscitadas pelas novas tecnologias, as expectativas despertadas pelo contínuo avanço da ciência, nos lança, sempre de novo, em desesperanças jamais vistas. O século XX foi assombrado por um *Ángelus Novus* – Anjo destruidor que se manifestava ora como vórtice pavoroso da violência (holocaustos inéditos na história anterior), ora como estagnação no isolamento e na fragmentação. Pela primeira vez na história da humanidade, o indivíduo expressa sua solidão quase petrificada diante de perdas inexoráveis e representa a vida como uma morte lenta, porém contínua e sempre iminente.

De Kafka a Benjamin e Klee, de Beckett *aos quadrinhos sado-masoquistas que são a leitura cotidiana dos nossos filhos*, nosso *renascimento* no limiar do terceiro milênio recorre constantemente aos temas e às imagens forjados pelos artistas e pensadores dos séculos XV e XVI. Basta olharmos *os infernos* de Hieronimus Bosch ou de Breughel para perceber que não há nada de propriamente “novo” nos quadrinhos do terror dos adolescentes atuais. Isso indica que estamos ainda a fazer o luto do heroísmo da Antiguidade – luto esse que começou com a glória e a miséria de Copérnico e Galileu, Leonardo e Miguelangelo. Afirma-se aí a capacidade de *brincar* artisticamente com a

representação do cosmos, dos homens e dos anjos cristãos. Depois dos majestosos e celestiais nus de Miguelangelo, Bosch, Breughel e outros pintores maneiristas pintaram os intercessores angelicais como enxames que lembram insetos quase repulsivos, sugados em direção ao céu de forma que parecem “cair para cima”, abrindo perspectivas exóticas, inquietantes e irrisórias para o cosmos e as trajetórias do homem entre o aqui e o além. Uma mobilidade imaginativa análoga se plasma na literatura com a representação docemente tragicômica do *Dom Quixote* de Cervantes ou com os heróis mais dramáticos do que trágicos de Shakespeare.

Com efeito, a invasão da matemática e da lógica modificou drasticamente as formas do pensamento moderno. Estas novas formas de pensar e imaginar fundaram o sujeito *autocentrado* (ou *autorreferido*) que se ressent, hoje, de sua solidão num mundo fragmentado. Um retorno para o início desse processo poderia, entretanto, fornecer alguns parâmetros para uma renovação dos nossos horizontes atuais. Basta repensarmos as causas e constelações que criaram o crescente isolamento do sujeito moderno. Cabe lembrar, por exemplo, que o indivíduo dos séculos XV e XVI não é ainda totalmente auto-referido. Apesar das aparências autocráticas e voluntaristas das grandes figuras do Renascimento, é necessário perceber o quanto o sujeito renascentista (mesmo quando se trata de um príncipe poderoso) permanece ainda integrado e determinado pelo lugar que ocupa e encena no tecido social. Nossa ideia da autonomia renascentista apóia-se, talvez, em leituras demasiadamente *modernas* de obras como *O Príncipe* de Maquiavel ou as tragédias de Shakespeare. No entanto, basta perceber que o sofrimento trágico e a loucura dos heróis shakespearianos estão sempre ligados à perda de seu lugar legítimo ou alvejado na Corte ou na sociedade, para podermos situar melhor a diferença entre a nossa sensibilidade da autonomia e autonomia ainda “coletiva” do indivíduo renascentista.

Harold Bloom escreve no seu último livro *Onde encontrar a Sabedoria?* (p. 99) que *Hamlet* e *Dom Quixote* (diferentemente dos heróis do romance do século XIX) nos oferecem algo precioso que Melville chamaria de “a última lenda do homem”. Com a lenda, penetramos na aura encantada da própria vida, ao passo que o romance nos oferece a noção da realidade. O encantamento nos permite a adesão imediata e ingênua, enquanto o romance filtra o mundo pelas categorias do conhecimento e o analisa com as pinças dos conceitos. Sob o impacto do maravilhamento mítico ou lendário,

recuperamos um estado de alma que dispensa as provas e os argumentos que demonstrem o que é real.

Nesse sentido, a análise de Bloom que segue a essa lúcida observação parece pecar com certo excesso de racionalidade. Pois o grande crítico americano destaca sobre tudo a violência do *Quixote*, analisa os aspectos sombrios da Espanha cruel, seus ódios e as irrupções de uma crueldade pavorosa. Nunca menciona o dom mítico-lendário de Cervantes que mergulha até mesmo a loucura ensandecida e sangrenta dos seus heróis numa neblina angelical. O humor *tragicômico* suspende o pavor sádico que muitos episódios teriam se fossem meramente analisados como ações que valem em e para si mesmas. O gênio de Cervantes transfigura essa violência real. Surge uma insensata sinceridade que não cabe nos critérios racionais – Sancho Pança conjura o encantador enigma das crianças, das criaturas e dos *loucos-sábios* que nos mostram a porta da salvação para uma substância ética (ideais como honra, amor e fidelidade) definitivamente ameaçada pela realidade do mundo ambiente (seja ele feudal ou burguês).